

FORMAÇÃO ÉTICA E ÉTICO-CRISTÃ DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS MODELOS CONTEMPORÂNEOS¹.

Sandra Cristina Rodrigues Lopes².

“Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus, louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.” (1 Co 1:19-24)

RESUMO: Este artigo procura desenvolver uma reflexão sobre a importância da inserção do ensino de Ética nas matrizes curriculares universitárias. Dá destaque à atualidade das contribuições da Formação Ético-Cristã para a manutenção de uma práxis pedagógica ética, diante do contexto da globalização econômica e da mercantilização da educação. A partir da revisão de textos de cunho filosófico, sobretudo a filosofia moral, contrapõe-se ao evolucionismo, de viés ateu e tece-se uma crítica ao positivismo, ao marxismo, ao neoliberalismo e ao pragmatismo, teorias que se opõem ao Cristianismo. Considera-se os momentos relevantes à prática ética, uma vez que o ensino distancia-se progressivamente dos valores cristãos. Ao longo do texto procura-se desvelar o aspecto cristão da práxis pedagógica, fundamental à aprendizagem e formação dos alunos, assim como a sua inserção crítica, madura e justa na sociedade, salvaguardando a postura ética desses profissionais em relação às novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Ética Cristã. Formação de Professores. Evolucionismo. Marxismo.

ABSTRACT: This article tries to develop a reflection on the significance from the insertion of the Ethics teach in the curriculum degree universities. This article shows the actuality of the contributions and the formation Ethics-Christian to the maintaining of a pedagogical ethics praxis before the context of economic globalization and the mercantilization of education. From the text revision, overcoat the moral philosophy, it stands against at Evolutionism, with some atheistic vision and it descriticize at the Positivism, at the Marxism, at the New liberalism and at the Pragmatism, theories likewise to oppose at the Christianity. It regards the relevant moments for the ethics practice, once the teaching distances progressively of the Christian values. Along the text, it tries to teach the Christian aspect of the pedagogical praxis, fundamental at learning and criticize insertion, mature, and fair in the society, safeguarding the ethics posture of that professionals in relation to the new generations.

KEY WORDS: Christian Ethics. Teacher's Formation. Evolutionism. Marxism.

¹Artigo Científico elaborado e apresentado à Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência Universitária.

²Professora – Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior – Faculdade Católica de Anápolis. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás - UEG. E-mail: sandracristinarlopes@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO:

A humanidade vive hoje uma época de profundas mudanças. O homem buscou assumir o mundo e a vida, tentando decifrá-los, para dominá-los e subjugá-los. O intuito da humanidade era, por meio do acúmulo de conhecimentos gerados a partir da liberdade de ação e criação humana, alcançar a sua emancipação e construir uma sociedade mais justa.

No entanto, a liberdade pretendida, ao invés de libertar o homem tornou-se um grande flagelo para ele, culminando num processo de dominação do homem pelo homem, no qual a ética e o pensamento cristão foram suplantados pela razão.

Não há como não se preocupar. Mesmo com a expansão do conhecimento, onde o avanço tecnológico trouxe aos centros acadêmicos, bem como aos docentes e discentes os mais variados e sofisticados recursos para o enriquecimento do ensino e da aprendizagem e consequente promoção do saber, o que se percebe é uma educação desajustada e seriamente comprometida. Os jovens recém-formados estão ingressando profissionalmente na sociedade e cometendo verdadeiras atrocidades em nome do status social e do acúmulo de bens. Com isso, procedimentos pautados na ética, na moral e nos valores cristãos esvaem-se em meio à ganância e os valores capitalistas modernos.

A educação, como fonte básica e promotora do bem comum e geradora dos princípios fundamentais à vida humana ética, compromete-se cada vez menos com os valores, com a moral e com a fé cristã, desprestigiando o saber estruturado nas raízes humanas, excluindo-se do papel que a ela cabe-lhe, ou seja, nortear a formação profissional em consonância com os princípios éticos, fundamentados na formação cristã e /ou dentro dos princípios valorados na opção religiosa em que o jovem estiver inserido.

2. O PENSAMENTO ÉTICO

A reflexão em torno da educação e de seus desafios no século XXI vem se consolidando quanto ao tema de essência ética. Os problemas, os conflitos, as frustrações e desajustes sociais perpassam pelas estruturas construídas e alicerçadas na vida do indivíduo desde a sua concepção, formação e desenvolvimento humano, culminando com a formação do caráter e posterior inserção e atuação no mercado de trabalho.

No campo educacional, a universidade não permanece imune aos processos de formação do indivíduo, uma vez que, a partir do envolvimento acadêmico, o aluno egresso

leva consigo grande parcela dos conceitos adquiridos ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Refletir a práxis educacional ética na educação do século XXI requer a compreensão do neoliberalismo enquanto contexto das relações sociais; é preciso considerar suas repercussões no processo educacional. Afirma Frigotto (1996) : “o neoliberalismo é a ideologia que dá sustentação ao processo material concreto da reestruturação produtiva sob a lógica da globalização excludente.” (FRIGOTTO, 1996, p. 76).

O regulador das relações sociais, do ponto de vista neoliberal, é a naturalização da exclusão, a banalização do sofrimento, a crise da razão, o fim das utopias, a emergência do pós-modernismo, das correntes pragmática e tecnicista. A partir da macro visão de indivíduo bem-sucedido no mercado competitivo ser sinônimo de excelência social, o humano cede espaço à máquina, ao desenvolvimento de valores inerentes aos interesses do mercado, tendo como parâmetros de qualidade de vida o consumo e a acumulação de capital.

Concernente aos ideais marxistas e pragmáticos, tão difundidos no mundo secular contemporâneo, as universidades não fogem às novas tendências mundiais e, tal como o mercado, substituem a educação como um direito pela assimilação da educação como uma mercadoria. O ensino é então comercializado e, através dos séculos, a humanidade evolui e busca fundamentar as relações e o comportamento social dentro de uma lógica, tentando responder às questões e indagações provocadas pelo pensamento filosófico. Segundo Wright(1991):

A sociedade moderna, conforme se desenvolveu, especialmente a partir da revolução industrial, gerou uma ampla pluralidade de outros laços sociais totalmente desvinculados de parentesco, tais como os laços profissionais, de classe, de esporte, regionais, identidades étnicas e religiosas em uma sociedade pluralista, e outras. As famílias são menores e fendidas pela mobilidade social. Muitas das funções sociais antes assumidas pelos laços familiares estão agora nas mãos do estado ou das agências e organizações para-familiares. Esta é uma outra área em que o estudo sociológico sério tem de se aliar à visão e aos princípios bíblicos. (WRIGHT,1991, p. 207)

A moral social, fruto da ética, não é o objeto maior das novas tendências educacionais globalizadas. Promover o conhecimento, dentro da nova ordem mundial é, senão, uma troca de interesses, em que a moeda de maior valor é a expansão do capital. Esse é o princípio que rege a lei da oferta e da procura. À família cabe o papel de custear as despesas e financiar o sucesso profissional de seus filhos. A satisfação pessoal, o prazer, a ideologia e as práticas utópicas próprias dos jovens recém-formados são suplantadas pelos interesses capitalistas das famílias, das exigências sociais vigentes e, por mais descabido que possa parecer, pela ambição desmedida dos grandes centros acadêmicos que enxergam nos jovens a possibilidade

de enriquecimento de seus núcleos universitários. O amor nas relações contemporâneas é envilecido em face do poder. Conforme Aranha (1986):

O desenvolvimento dos centros urbanos criou o fenômeno da multidão solitária; as pessoas estão lado a lado, mas as suas relações são de contiguidade, seus contatos dificilmente se aprofundam, sendo raro o encontro verdadeiro. [...] Além disso, o trabalho na sociedade capitalista, estimulado pela competição e pelo individualismo, exige um ritmo exaustivo, mesmo para os que têm melhores chances, e mergulhar a maior parte das pessoas no trabalho alienado, rotineiro, repetitivo, de onde é impossível extrair prazer ou estabelecer vínculos. (ARANHA e MARTINS, 1986, p. 322)

Não há como nega que o ser humano buscou a modernização e procurou consolidar a teoria evolucionista de Charles Darwin, mas se perdeu nesse processo. Em consonância com a teoria da evolução, o mais forte é selecionado e prevalece contra os demais. Evidencia-se então uma contradição que se destaca em dois aspectos complementares: o mais forte, selecionado, deve manifestar não somente a força propulsora da vida, ele precisa demonstrar as condições morais necessárias ao equilíbrio dos movimentos de evolução, para dar continuidade ao processo evolutivo; evoluindo somente os mais fortes, a cadeia frágil tende a desaparecer, afluindo o apuramento das raças e criando *deuses*, capazes de sublimar a própria morte. “Marx é ateu por causa de sua paixão pelo homem. O que ele quer salvaguardar com o ateísmo é a grandeza do homem. Com o ateísmo ele pretende excluir qualquer outro ser superior, maior do que o homem.”(MONDIN, 1997, p. 154).

Entretanto, o que se observou no processo evolutivo humano foi o gradativo e perene findar da vida do homem, evoluído ou não. E se, tanto Darwin quanto Marx entendiam o homem como um ser evoluído que não se submetia a uma força maior, com certeza eles se decepcionaram muito, pois eles próprios não conseguiram evoluir ao ponto de suplantar a morte. A razão não foi capaz de eternizá-los enquanto seres vivos.

3. O ELO PERDIDO – A RELIGIÃO PRECEDE A MORAL.

O homem sempre atribui um significado às coisas com as quais entra em contato, seja na esfera pessoal ou profissional. É latente no ser humano o desejo de valorização e de valorizar-se, na busca pelo conhecimento, pela satisfação pessoal e pelo prazer, mediante uma moral ou sem ela. Essa busca pela essência pessoal, na Idade Média, esbarrava no Teocentrismo, uma vez que a ética moral se vinculava aos critérios da fé. Já na Idade

Moderna, moral e religião sofrem uma dicotomia e a moral passa a ser laica, tornando-se objeto de estudo de profissionais de áreas afins. Para Friedrich Nietzsche (1844-1900), “o homem, sob o domínio da moral, se enfraquece, tornando-se doentio e culpado.” (NIETZSCHE apud MONDIN, 1997, p. 147).

Ao criticar a moral, Nietzsche reafirma a teoria evolucionista, apregoando uma *moral de senhorio*, perfeita para reger a humanidade. Ele nega os princípios e fundamentos cristãos, os quais esclarecem as particularidades, desejos e angústias do indivíduo. Mondin(1997) esclarece que:

Também Friedrich Nietzsche (1844-1900) elabora uma hermenêutica antropológica da religião (como Feuerbach), mas nela descobre um significado profundamente alienante, aviltante, decadente. Dessa convicção descende o objetivo de toda a obra nietzscheana: a destruição da religião a fim de tornar possível a superação do homem servil, mesquinho, fraco, imaturo, decadente, e, assim, preparar o advento do super homem (ou, segundo a exegese mais recente, do além-homem). (MONDIN, 1997, p. 146-147)

Mondin (1997) na obra “*Quem é Deus?*”, questiona de modo contundente as teorias de Nietzsche e faz sérias colocações acerca da essência ateuista das correntes filosóficas tão difundidas e ensinadas nos cursos universitários mundo afora. O universo intelectual está impregnado dos conceitos desses *brilhantes cétricos*. Na busca por conhecimento, pelo prazer, por lucro, pelo sucesso e *status* social as correntes filosóficas e sociológicas se distanciam da moral cristã e desvelam um ser *humano-deus* criador da ética e da moral cristalizado nas práticas capitalistas do século XXI.

É irrefutável a importância da teorização secular do conhecimento e o legado científico que os teóricos construíram, mas o conhecimento, em todas as suas formas, há que servir à compreensão plena que o homem pode ter de si mesmo e o aspecto transcendente, inerente ao ser, pois é através destes conhecimentos que o homem desvenda o elo favorável à prática do bem, uma vez que a sua essência – a alma e o espírito – são reais e denotam essa procura, esse desejo de estar perto de Deus. As correntes filosóficas não podem sufocar a consciência cristã, isto é, a ética moral do indivíduo, levando-o a comportar-se como se Deus não existisse. Mondin (1997, p. 241) afirma que “os argumentos com que os ateus negam o transcendente e absolutizam o imanente não são científicos, mas filosóficos; e são argumentos filosóficos que a física moderna desmentiu categoricamente.”

Quanto mais a humanidade evolui, mais ela se dá conta de sua falibilidade, pois há dois aspectos da condição humana que comprovam tal pensamento: o homem não nasce pronto, ele é inacabado; também não vem programado, ele é livre para arbitrar sobre sua

própria condição de falível – ou mortal, e esse ponto – a morte – iguala o homem aos outros seres, perpetuando-se enquanto ser histórico, mas apenas no plano material. Quanto ao plano espiritual é tudo uma questão de fé, ou seja, ele só pode ir até onde sua razão inteligível determinar, o que é uma questão de escolha, de aceitação de sua dependência de um ser maior e supremo, Deus.

4. RETOMANDO A SINGULARIDADE DA VIDA, O HOMEM SE RECONHECE EM DEUS.

Entende-se que dar continuidade à vida é evoluir para a morte, inegavelmente. Nesse sentido, torna-se muito mais coerente à prática humana pautar-se na ética moral cristã, procurando construir uma história digna, uma vez que todos os seres são mortais, razão maior do ser humano em desfrutar dos relacionamentos harmoniosos com o seu próximo, com a sociedade, com a natureza e consigo mesmo, sendo que ele não levará nada desta vida para a além-vida. Portanto, o que se faz nesta vida é mais que ações racionalizadas. O agir humano é limitado dentro de um espaço de tempo e o indivíduo, por mais intelectualizado que seja jamais poderá desconsiderar a morte. De acordo com Aranha(1986),

Por exemplo, se tomamos como valores absolutos o acúmulo de bens, a fama e o poder, a reflexão sobre a mortalidade torna ridículos esses anseios, privilegiando outros valores que nos dão maior dignidade. Essa mesma reflexão, no nível planetário, nos ajuda a questionar os falsos objetivos do progresso a qualquer custo. A consciência da morte nos ajuda a questionar não só se a nossa vida é autêntica ou inautêntica, mas também se faz sentido o destino que os povos legaram para seus herdeiros.(ARANHA, 1986, p. 334)

Ao se deparar com as realidades metafísicas, o homem tem dois caminhos a seguir: 1) duvidar ou negar a existência de uma vida após a morte e, conseqüentemente, a real condição de submissão a uma *força maior* que rege o Universo; 2) aceitar o mundo espiritual e personificar Deus em suas ações, projeções e realizações, reconhecê-lo como o centro da existência humana e, obviamente, como autor do maior código ético já elaborado: a Bíblia.

Sabe-se que os filósofos já optaram, nos séculos passados, por não aceitar o mundo espiritual convergente a Deus. Negaram e renegaram o quanto puderam. No entanto, seus argumentos científicos foram posteriormente desconstruídos pela própria ciência. Urge, agora, a necessidade contemporânea de autoconhecimento espiritual. Há uma profunda e generalizada busca pelas questões espirituais e o mundo moderno se inspira e transpira Deus.

Um dos maiores filósofos, Platão¹, nas Leis (X,886a) declarou: “é de capital importância um pensamento correto sobre os deuses, se se quiser conduzir bem a própria vida.” (PLATÃO apud MONDIN, 1997, p.5)

Mesmo sendo uma questão intimamente ligada à fé, reconhecer a existência de Deus não é algo tão irracional assim. Ao contrário, é fruto de uma extrema capacidade racional do homem. Já naquela época, onde a fé havia sido posta em choque, os maiores filósofos e pensadores céticos da humanidade começaram a se questionar sobre a real situação do homem em relação a Deus. E por mais que se tentasse fundamentar a existência humana em preceitos evolucionistas, o homem não era capaz de explicar os fenômenos da alma e do espírito.

Com o nascimento da psicanálise, houve certo progresso, mas a ciência que deveria explicar a gênese humana conturbou ainda mais os conflitos entre a fé e a razão.

No entanto, como ser racional que o homem é ele tem o dever de educar a si mesmo, conhecer as suas potencialidades, falibilidades e, primordialmente, encontrar-se espiritualmente, pois o espírito é a parte imortal do ser humano, e este deve ser diligentemente desenvolvido porque tudo que o homem é e faz tem sua significação moral em Deus.

O corpo humano não é somente o meio de o homem receber comunicações e impressões do mundo exterior, mas também é o meio de exprimir e manifestar o que se passa no mundo interior, que é o espírito. Toda a cultura inteligente do espírito há de basear-se num conhecimento exato dos elementos essenciais do homem², o que Platão fundamentou em seus estudos. Porém, essa relevância da teologia filosófica não foi de imediato aceita pelos filósofos. Mondin (1997) um filósofo italiano, escreve a esse respeito:

[...] tanto em Platão quanto em Aristóteles o horizonte do divino é muito vasto e não se cristaliza numa divindade única: antes, abarca inumeráveis seres. [...] Além de pai da lógica, da ética e da metafísica, Aristóteles é também o pai da teologia filosófica, que ele já articula em partes fundamentais (existência e natureza de Deus) que vamos encontrar inclusive em todos os tratados. Para sustentar a existência de Deus, Aristóteles apresenta dois argumentos: a ordem do universo (em Sobre a Filosofia) e o fluir das coisas (Metafísica, livro XII). A ordem exige um ordenador; o fluir, um motor imóvel. [...] No cristianismo, Santo Agostinho enriquece a teologia filosófica com duas contribuições fundamentais: a demonstração da existência de Deus baseada na presença da verdade na mente humana (cf. De libero arbitrio II, 13-15) e a doutrina da *docta ignorantia*, com a qual redimensiona a pretensão da mente humana de conhecer e de representar Deus conceitualmente. (MONDIN, 1997, p. 15-16)

¹ PLATÃO, Leis 886a. Sobre a identificação de Deus em Platão, veja-se D. Ross, *Plato's Theory of Ideas*, Oxford, 1951.

² Para se cultivar o espírito é importante que se conheça a psicologia geral e particular, isto, é a psicologia da raça inteira e de cada indivíduo em particular. Para cultivar-se o espírito, cumpre conhecer o homem em geral e o homem em particular; campo de estudo da Psicologia.

O conhecimento de Deus é o mais sublime de todos os conhecimentos que se pode adquirir. E se o homem pode pensar, é seu dever empregá-lo em alcançar este conhecimento mais elevado. O homem possui os poderes de pensar, compreender e, naturalmente, ele deve empregar tais poderes em razão do que for mais nobre; Deus é o fim de toda sabedoria e de toda a verdade, logo, é o objeto supremo de que deve se ocupar o pensamento humano, pois não há conhecimento mais útil, mais prático e mais necessário que o conhecimento que se pode ter de Deus. As suas verdades são as que elevam a alma e que purificam o espírito do homem e as que servem de fundamento a todo verdadeiro progresso.

As verdades mais essenciais à felicidade plena do homem são as que se relacionam intimamente com Deus. O homem só consegue compreender as razões de sua existência e consequente missão nesse plano espiritual na medida em que procura conhecer a Deus, pois o relacionamento puro e genuíno com o Criador é o fundamento maior por meio do qual o ser humano cumpre os deveres para consigo mesmo, com o próximo e para com o próprio Deus.

5. FILOSOFIA CRISTÃ – IDENTIDADE MORAL DO INDIVÍDUO.

Os filósofos cristãos medievais deram significativas contribuições à teologia filosófica, sobretudo o filósofo Santo Tomás de Aquino. Em *Sunma contra gentiles* e *Sunmatheologiae*, postulou os quatro pontos fundamentais à expansão do pensamento teológico e da ética cristã, a saber: 1) rejeição da prova ontológica, o que para Aquino tratava-se de um paralogismo, ou seja, a definição da essência de Deus para a afirmação da existência; 2) formulação das cinco vias comprobatórias da existência de Deus: o fluir, a causalidade secundária, a caducidade, os graus de perfeição e a ordem do cosmos, as quais conduzem a Deus, que é o motor imóvel, a causa última e o ordenador universal; 3) a identificação de Deus como o ser subsistente em si mesmo; 4) a analogia que abre uma passagem entre o agnosticismo e o antropofornismo. Com isso, Aquino criou a filosofia original do ser, abrindo uma nova via para a ascendência em Deus.

O pensamento agnóstico-atéu, tão difundido na Idade da Razão, chega à Idade Moderna seriamente comprometido. Pensar o homem sem pensar em Deus é ultrajante. Deus é o princípio, é o meio e o fim de qualquer propósito humano. Mondin, (1997) argumenta,

A longa parábola da impostação crítica da filosofia e da teologia filosófica conclui-se, pois, com o dismantelamento da teologia filosófica e da própria filosofia. A deusa razão é surpreendida em sua mísera nudez, atroz fragilidade, desoladora impotência. Mas a coisa mais surpreendente e desconcertante é que essa razão derrotada continua tão insolente, ao proclamar sua fraqueza, quanto o era, no passado, ao arrotar infalibilidade. (MONDIN, 1997, p. 18)

A missão do homem é a mais nobre e grandiosa possível, pois tudo concernente a ele foi-lhe atribuído por Deus, para que pudesse cumprir esta missão moral, pois Deus é a sabedoria infinita. Sabe-se que o homem tem necessidades diversas, inerentes ao corpo; o mesmo acontece no que concerne ao intelecto, ao espírito. O dever do homem buscar conhecer Deus é intrínseco à própria natureza humana, uma vez que Deus é a fonte da sua existência.

Buscar conhecer Deus e compreender seus projetos para a humanidade é uma concretude irrevogável nos dias hodiernos. Por mais que haja pensamentos e correntes filosóficas fundamentadas no agnosticismo ou nas várias manifestações do ateísmo, o homem pós-moderno tende a procurar compreender sua missão nesse mundo. Segundo Mondin(1997):

[...] na época pós-moderna em que vivemos, além das trevas do pensamento frágil e niilista, que prolongam a noite da “morte de Deus”, podemos captar também alguns clarões de luz, que parecem anunciar uma nova aurora para a filosofia, para a metafísica, para a religião e para a teologia filosófica. Volta-se novamente a confiar na capacidade da razão humana de captar não só vitalmente, mas também especulativamente, o sentido da vida, o valor das coisas, o significado da história, a relação criatural do homem com Deus. Para quem não perdeu a esperança na humanidade, a teologia filosófica constitui de novo uma possibilidade real e não mera utopia, uma possibilidade importante e preciosa não apenas para o laicista, mas também para o crente. (MONDIN, 1997, p. 18)

A filosofia, isto é, o conhecimento, deve subsidiar ao homem a construção da felicidade plena em consonância com as práticas virtuosas, pois há uma moral constituída que orienta o comportamento humano, a qual é exterior e anterior ao indivíduo. Portanto, cabe à família, por intermédio da Educação, ou seja, da ciência e da religião, construir os alicerces sociais benéficos para que o indivíduo possa encontrar os meios mais propícios para seu completo desenvolvimento.

Na busca pelo pleno conhecimento da verdade, o homem que integra a Modernidade³ começa a consolidar o conceito da criação: todas as culturas e todas as sociedades instituem uma moral, isto é, um conjunto de valores que dizem respeito ao bem e ao mal, ao cerne provedor daquilo que pode ser feito ou vedado, ou que é aceito como moral, imoral ou amoral.

³Sobre o conceito de Modernidade, há um relativo consenso na ciência histórica ocidental que tal momento iniciou-se por volta da segunda metade do século XVIII, com as revoluções francesa e industrial e foi até a década de 1960-70, quando vários movimentos de caráter contestatório eclodiram no mundo apontando para profundas mudanças sociopolíticas, culturais e econômicas.

No esforço em construir uma *imagem do imanente*, a filosofia moderna vai conferindo à religião um significado tênue, mas de grande importância às posteriores análises de cunho filosófico-cristão. A filosofia não é mais instrumento separado da fé cristã e reivindica a originalidade e peculiaridade da experiência religiosa. Acerca desse aspecto filósofo Mondin(1997) escreve:

Mais complexa e delicada é a questão das relações entre filosofia (metafísica) e a religião, porque essas duas realidades têm muitas coisas em comum. A filosofia também se interessa pelo objeto próprio da religião: o sagrado, o transcendente, o absoluto, Deus. A filosofia também pode se apresentar e pode ser entendida como via de salvação, soteria: tal era o fim que lhe atribuíam os gregos e os romanos, no mundo clássico. Talvez por esses motivos alguns pensadores identificaram a filosofia com a religião, vendo na religião uma expressão inferior, “popular”, da filosofia: ou como “filosofia da plebe” (Spinoza) ou como um momento do desenvolvimento da consciência (Hegel). [...] A filosofia, ao invés, é iniciativa do homem, especificamente da razão, que busca as causas, os princípios últimos das coisas, e só na conclusão da sua pesquisa pode atingir aquela realidade à qual, na religião, se dá o nome de Deus. (MONDIN, 1997, p. 60)

Enquanto na filosofia Deus é tido como a causa, o princípio do ser e das coisas, de tudo que é verdadeiro, na religião Deus é o ser supremo e sagrado, a fonte de salvação para o homem. Para a filosofia, a manifestação divina é generalizada, fruto das operações racionais obtidas em princípios causais. Em contrapartida, na religião o elemento divino é substrato da revelação intuitiva, distante das manifestações racionais ou conceituais.

Contudo, sendo substrato revelado ou limite inatingível, o fato é que Deus é o ponto de partida e o final de todo o pensar humano, filosófico ou religioso, porque quanto mais ignorante for o homem acerca de Deus, mais imperiosa se tornará a busca em conhecê-lo; doutra forma, ficam sem fundamento sólido todos os outros conhecimentos que se podem adquirir.

Fundamentalmente, é incoerente tentar compreender a existência humana a partir da *evolução do nada*, uma vez que, existindo somente o nada, como explicar a evolução de algo. Por isso, o próprio pensamento agnóstico é inconsistente, na medida em que o nada não pode preceder ou derivar um ser. Sobre esse tema Mondin(1997) postula que:

Tudo o que se pode dizer de tal ação é que se trata de uma relação pura, e como não se dá criação antes do criado, compreende-se que a relação em questão não é uma relação bilateral, mas unilateral: é uma relação que vai do criado a Deus, e não vice-versa. [...] Somente enquanto indica Deus como princípio é que a criação pode ser considerada como logicamente anterior ao ser do mundo; [...] assim, a proposição “o mundo foi criado” significa, para nós, duas coisas: a primeira, que o mundo é; segunda, o mundo depende de sua fonte. Embora desconcertante, essa concepção se impõe com clareza a quem toma consciência do que pode ser um começo absoluto. Esse começo absoluto não pode, propriamente, ser chamado “mudança” acontecida, “sucessão” de estados,

uma passagem do nada ao ser. Só a nosso mente opera essa passagem, quanto tenta representar o irrepresentável. (MONDIN, 1997, p. 353)

Como pode, então, haver a evolução de algo que não existia? Como evoluir se não há um elemento anterior à coisa evoluída? Essas são respostas que ficaram fadadas ao mero especular da razão humana. Por anos e anos os filósofos pré-modernos e modernos se embasaram nessa prerrogativa de um ser vazio com uma origem indefinida ou com uma origem em si mesmo, com o pensamento construído em fundamentos puramente laicos, os quais apregoavam uma humanidade capaz de buscar sua redenção embasada na restauração do seu senso de independência, compreendendo a mente e os valores espirituais apenas em termos de objetos e processos materiais.

Tanto mais a ciência evolui, tanto mais ela reconhece o irrefutável: Deus é em si o criador de todas as coisas. Em Deus estão todas as prerrogativas sobre a existência do universo, inegavelmente, do ser humano.

Até o século XIX a ciência se desenvolvera de forma tão importante que o homem estava certo da excelência do método científico como instrumento único para a compreensão da realidade, e desenvolveu-se uma religião da humanidade, em que Deus era desentronizado e a humanidade, *o grande ser*, colocado em seu lugar.

Visto que Deus não existia, o homem deveria elaborar seu próprio modo de vida, enfrentando tudo sozinho. Esses aspectos foram traduzidos pelo otimismo filosófico do positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer, que exaltavam a capacidade de transformação humana em direção a um mundo melhor.

Porém, ainda no século XIX e início do século XX a ciência sofre sérios abalos provocados por algumas descobertas geométricas não-euclidianas⁴ e pela física não-newtoniana⁵, causando profundos questionamentos às concepções clássicas. Com isso, a desprezada fé evidencia-se dentro dos pressupostos da ciência, já que a própria ciência não era capaz de investigar seus fundamentos. Conforme esclarece Mondin(1997),

⁴Os postulados da geometria plana estabelecida por Euclides no século III a. C. Dentre os postulados euclidianos, o quinto enuncia que “por um ponto do plano pode-se traçar uma e só uma paralela a uma reta do plano.” Porém, em 1826 o matemático russo Lobatchevski construiu um modelo segundo o qual “por um ponto do plano pode-se traçar duas paralelas a uma reta do plano”; e em 1854, o matemático alemão Riemann usou um modelo em que “por um ponto do plano não se pode traçar nenhuma paralela a uma reta do plano.”

⁵A física newtoniana era considerada a imagem absolutamente verdadeira do mundo, tendo como pressupostos o mecanicismo e o determinismo, segundo os quais, conhecendo-se as posições e os impulsos das partículas materiais num dado momento, poderia-se, segundo a hipótese de Laplace, deduzir pelo cálculo toda evolução posterior do mundo. No entanto, na década de 1920, descobertas de De Broglie no campo da física quântica, considerando o elétron um sistema ondulatório, permitiram a Heisenberg a formulação do princípio da incerteza. Segundo esse princípio, é impossível determinar simultaneamente e com igual precisão a localização e a velocidade de um elétron.

A ação criadora é, portanto, uma ação singularíssima, não apenas por causa do seu artífice, que é Deus, e do seu efeito, que é o ser, mas também por causa da sua imediatividade, amplitude, incisividade, intimidade, pelo fato de não poder ser bloqueada. Ela toca não só o coração ou a superfície dos seres, mas o ser em seu todo, da cabeça aos pés. Nada do que um ente possui escapa da eficácia da ação criadora, e dado que os seres não são apenas matéria e forma, substância e acidentes, qualidades e ações, estruturas e relações, sob o perfil ontológico tudo se apoia incessantemente na ação criadora de Deus. (MONDIN, 1997, p. 354)

A fé cristã não é questão de escolha cega, na qual os outros fatores se cancelam mutuamente. A fé cristã depende de uma percepção anterior de Deus, o qual existe antes de qualquer decisão ser tomada, pois a fé é um atributo da alma. Para que o homem possa ter fé, é imprescindível a ele o reconhecimento de sua condição de criatura, o qual é finito e limitado. O homem não é um ser evoluído, independente e auto-suficiente. Sua existência, felicidade e bem-estar dependem daquele que o criou. E Deus não está acima e além da criatura, ao contrário, é imanente nele.

No entanto, Deus criou os seres dotados do livre-arbítrio. Crer em Deus e no advento da criação não é regra imposta. Ter fé em Deus e aceitação aos princípios e fundamentos cristãos é uma escolha pessoal. Engajar-se ao Cristianismo não anula a razão ou a ciência. Aliás, aliando se fé, razão e ciência o homem moderno é capaz de compreender melhor os fundamentos do universo e superar as tendências maléficas do evolucionismo. Por isso mesmo Deus destinou o homem à liberdade e à construção da felicidade por meio de suas próprias escolhas.

Porém, no momento em que o homem descobre-se como um ser autônomo, há a possibilidade de se colocar em maior evidência, correndo o risco de querer ocupar o lugar de Deus. Segundo alerta Lewis(1997),

O que satanás colocou na cabeça de nossos antepassados foi a ideia de que poderiam 'ser como deuses', podendo viver por conta própria, como se tivessem criado a si mesmos, que poderiam ser os próprios mestres, podendo inventar uma felicidade fora de Deus, independente de Deus. E dessa tentativa sem esperança procede quase tudo o que chamamos de história humana: dinheiro, pobreza, ambição, guerra, prostituição, classes, impérios, escravidão; é a longa e terrível história do homem na procura de algo que não seja Deus e que o faça feliz. (LEWIS, 1997, p. 27)

O homem contemporâneo se depara com a perene desestabilização da sociedade. As estruturas evolucionistas, que antes eram a chave para a maturação social, agora se descobrem falhas. A ciência não consegue explicar e curar os males da vida moderna. O conhecimento, fruto da razão materialista funde-se ainda mais aos fundamentos positivistas, e não são

capazes de construir uma sociedade mais justa e igualitária, princípios idealizados ulteriormente pelo marxismo utópico.

A máquina humana prossegue seu caminho e desmantela o equilíbrio natural entre as espécies. A modernidade se depara com os desastres naturais, com a escamoteação da família, com a degradação da qualidade de vida e, conseqüentemente, com a incapacidade para resolver tantos desajustes provocados por ela mesma.

O pensamento Aristotélico e Tomista de que o indivíduo somente seria feliz vivendo em sociedade, confirma-se drasticamente, e o homem parte rumo às cidades, na tentativa de conquistar suas pretensões e ambições pessoais e coletivas. No entanto, as aspirações por uma vida feliz e plena em sociedade não se cumprem de forma homogênea, e o homem se vê cada dia mais solitário e infeliz.

As cidades crescem em meio ao caos provocado pelo êxodo rural das décadas de 1960 e 1980, chegando à explosão demográfica das grandes megalópoles dos séculos XX e XXI.

A população, o conhecimento e a ciência crescem e evoluem. Porém, os níveis de qualidade de vida e os fatores constituintes da felicidade plena do indivíduo não acompanham os mesmos parâmetros de crescimento e evolução. A criminalidade, as distorções sociais e as crises econômicas continuam sendo os grandes conflitos a serem superados pela raça humana.

Mas, como fazê-los? Onde buscar alternativas viáveis ao desenvolvimento humano feliz, pleno e eficaz? A resposta passa quase que despercebida, pois a complexidade inerente aos fenômenos humanos sejam psíquicos, sociais ou econômicos coadunam-se às respostas inerentes ao desenvolvimento do espírito por meio das práticas virtuosas consonantes ao amor e a justiça, ou seja, no conhecimento ético-cristão. Conforme Lewis(1997),

O Cristianismo nunca pretendeu substituir ou anular as artes e as ciências humanas; é antes como um diretor que as colocará convenientemente em suas funções como uma fonte de energia que lhes dará uma nova vida, se elas tão somente se colocarem à sua disposição. Diz-se por aí: 'A Igreja é que tem as respostas; ela é que nos deve dar uma orientação.' Isso está certo ou errado, dependendo do sentido que é dado à palavra Igreja. Devemos entender por Igreja todo corpo de cristãos verdadeiros. (LEWIS, 1997, p. 45)

O que se percebe entre os pensadores, filósofos e até cientistas contemporâneos é um consenso em relação à insuficiência do homem ante o abismo pervertido em que se encontram as ações humanas. Por mais que se estipulem regras, normas, condutas éticas, tanto mais as relações intrínsecas e extrínsecas ao homem vão se degradando. Há uma impotência generalizada diante da barbárie humana.

Mas, em meio à turbulenta selvageria dos tempos modernos, surge uma esperança ao resgate da genuína condição humana, alternativa postulada em séculos passados, porém obscurecida pelo pensamento evolucionista, pois os filósofos da Idade Média e Moderna estremeceram o fluir cristão, tolhendo a capacidade que o homem tem de agregar valores e construir caminhos alternativos a partir do inusitado, ou até mesmo de correntes distintas.

6. RESGATE DA FÉ POR MEIO DA RAZÃO.

A Igreja que outrora fora escarnecida agora é campo fecundo ao pensar e agir da ciência. Começa-se a vislumbrar entre fé, razão e ciência o caminho necessário à construção da felicidade humana. Não há como fugir do paradigma da fé. A ciência tem alcançado resultados magníficos, porém, quando ela sentencia o findar de uma vida, a fé entra em cena trazendo esperança e gerando novas possibilidades de um encontro verdadeiro do indivíduo consigo mesmo e com Deus. Conforme Bonhoeffer(2001):

A autoridade foi instituída por causa de Cristo; ela serve a Cristo e, com isso, serve também à sua Igreja. O senhorio de Cristo sobre toda autoridade não significa, no entanto, o senhorio da Igreja sobre o governo. O mesmo senhor a quem o governo serve é também a cabeça da comunidade, o Senhor da Igreja. O serviço que a autoridade presta a Cristo consiste no desempenho de sua tarefa de, com o poder da espada, garantir uma justiça externa. Nisso há um serviço indireta para a comunidade, que só assim pode “viver vida calma e pacífica (1Tm2.2). Pelos seus préstimos a Cristo, a autoridade está essencialmente ligada à Igreja. Onde ela cumprir bem a sua missão, a comunidade pode viver em paz, pois governo e comunidade servem ao mesmo Senhor. (BONHOEFFER, 2001, p. 192)

O que Igreja e Estado são para o homem, o homem é para Deus: *propósito da criação*. Assim também, fé, razão e ciência são elementos constituintes do agir do Criador no ser criado. E todos esses aspectos devem convergir ao desenvolvimento pleno do homem, uma vez que tais princípios da *Criação* não são elementos estanques, um permeia o outro e se completam no próprio ato *criacional* de Deus.

O ponto de partida, então, é reconhecer a embaraçosa fragilidade moral do homem e conseqüente rebeldia dele para com o Criador, bem como a natureza pecaminosa que aquele possui, e procurar construir uma sociedade onde os indivíduos possam ser mais plenos e felizes, onde cada homem em particular, assim como cada nação, como uma coletividade cumpra sua missão ética em descobrir o seu lugar neste mundo e sua tarefa em promover o bem comum.

Visto que o Estado é uma unidade orgânica que tem uma missão dada pelo Governador moral tem, portanto, deveres para com Ele. Propriamente falando, a fé é uma questão do indivíduo e não do Estado. No entanto, o Estado tem de reconhecer que está debaixo da direção de Deus. Sobre isso, Lewis escreve:

A aplicação de princípios cristãos ao sindicalismo ou à educação deve vir de sindicalistas cristãos e de educadores cristãos, assim como a literatura cristã provém de romancistas e dramaturgos cristãos, e não de uma assembleia de bispos reunidos a procurar escrever peças e romances em suas horas de folga. Contudo, o Novo testamento nós dá, sem entrar em pormenores, uma ideia bem clara de como seria uma sociedade totalmente cristã. Talvez nos dê até mais do que possamos perceber. Diz que nela não pode existir nem viajantes nem parasitas: se alguém não trabalha, que também não coma. Cada um deve trabalhar por si mesmo e, ainda mais, o trabalho de cada um deve produzir algo útil: não deve haver a produção de coisas tolas e supérfluas, e nem de anúncios mais tolos ainda, que nos venham persuadir a comprá-las. E também não deve haver ‘ostentação’ ou ‘partidarismo’, nem ares pretenciosos. (LEWIS, 1997, p. 46)

É de fundamental importância que se compreenda o significado de *Igreja* e de *Cristianismo*. Esses termos definem não uma parcela da população, mas todo aquele que tem um conhecimento de Deus, ou seja, de um encontro com Deus, mediado pelo *Filho* e iluminado pelo *Espírito Santo*, o que não está subjugado ao pensamento intelectual, mas sim, é fruto da fé e do amor. Cristianismo e Igreja são elementos de uma mesma raiz – Deus.

Porém, a eles não estão preconizadas religiões ou denominações. Aliás, esse foi o erro cometido por aqueles que se achavam donos absolutos da verdade e chegaram a cometer verdadeiros abusos em nome da fé. *Deus não tem dono*, ao contrário, Ele é o dono de tudo que há. A fé, bem como a ética cristã, são armas fundamentais na luta contra a usurpação do poder da liberdade, pois nem mesmo Deus se impõe. Ele legou a cada indivíduo a opção de aceitá-lo ou não.

Portanto, nessa tarefa de construir uma sociedade melhor e que *evolua* sempre rumo ao *progresso feliz e pacífico*, o homem deve aceitar que Deus não elegeu uma denominação, ao contrário, Ele quer *uma nação Santa e Perfeita dentro de cada um de seus filhos e filhas*. Segundo Brown:

Pra o cristão, porém, talvez o maior valor de um estudo da história da filosofia é a maneira em que deve ajudá-lo a ver o cristianismo em perspectiva. A fé cristã não é uma forma religiosa do platonismo, aristotelismo, idealismo, existencialismo ou qualquer outro -ismo. E, como consequência, nem deve ser definido nem atacado como tal. Em última análise, sua validade depende da validade da crença cristã em Cristo, da revelação bíblica e tudo quanto acarretam. (BROWN, 1999, p. 194)

O estudo da ética cristã, em universidades, deve voltar-se ao resgate dos valores e princípios inerentes aos seres humanos. Deve priorizar o *bem* enquanto essência da práxis pedagógica, voltada à construção do processo de ensino e aprendizagem de qualidade, em detrimento à quantidade. Deve, ainda, assegurar ao aluno, ao menos o direito de conhecer os caminhos percorridos pela filosofia cristã até os dias presentes, para que este faça suas escolhas e fundamente sua profissão dentro do princípio básico da ética cristã: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (MATEUS, 22:37-39).

O mundo moderno precisa de amor. A humanidade evoluiu e asseverou os pensamentos evolucionistas e marxistas, os quais reduziram a fé cristã ao simples caráter ideológico, mas esses mesmos pensamentos também se emolduraram na forma de ideologias, e sutilmente impuseram-se com tonalidades religiosas. Segundo Dumas:

O marxismo é uma filosofia imanente dos proletariados do mundo. Sua “idolatria” aparece quando um elemento apenas natural torna-se absoluto. No caso do marxismo, são apontadas três teorias que se tornam ídolos; o materialismo dialético (a evolução humana, relações sociais determinadas pelas classes e os pensamentos humanos representam apenas estas classes); um otimismo que vê solução de todos os problemas na marcha história; e um humanismo religioso que encarrega o homem de sua própria salvação. (DUMAS apud BROWN, 1999, p. 210)

Diferentemente das linhas filosóficas clássicas, a filosofia cristã há que propor caminhos ao resgate da fé preterindo quaisquer formas de ufanismo, sobretudo, o religioso.

Todas as correntes filosóficas falharam nesse aspecto, pois com o intuito de se postergar a fé e consolidar a ciência, em suma, nenhuma cedeu espaço à adversidade conceitual ou, sequer, à multiplicidade das análises posteriores. Velando-se a liberdade expressiva, as várias formas de se conceber uma ideia foi tomada por falha ou inconsistente. Daí o prejuízo das *verdades universais*.

Percebe-se, pois, na evolução filosófica, as novas proposições marxistas, segundo as quais é um despropósito o homem aceitar a tradição eclesiástica como ponto de partida para sua fé. Porém, essas mesmas proposições ideológicas, são para os ideólogos marxistas, como que uma revelação divina, ou seja, ufanismo religioso.

7. UM NOVO PARADIGMA – O AMOR, GÊNESE DA VIDA:

Inegavelmente, a humanidade precisa encontrar seu caminho. Houve, num passado recente, a ânsia em conhecer os fundamentos da verdade, e todas as formas de saberes se propuseram, em vão, estabelecer os princípios teóricos e científicos em relação à origem do homem, bem como, de todas as questões relativas a ele.

Assim o fez a filosofia clássica, bem como as correntes evolucionista, materialista, positivista, liberalista, marxista, neoliberalista, enfim, as formas variadas de se conceber a razão. Todas se objetivaram a desvendar os mistérios da existência humana e todas se curvaram ante ao fenômeno espiritual do homem. Mesmo dando respostas que satisfizessem, momentaneamente, às indagações a cerca de Deus, paradoxalmente, as proposições espirituais insurgiam suscitando o poder da fé.

O hegelianismo e o kantismo, correntes filosóficas do final do século XIX, consolidaram-se em princípios sub-cristãos e até mesmo anticristãos, agravando ainda mais as relações entre ciência e fé. E assim, a filosofia do século XX e início do século XXI se afasta drasticamente de Deus.

No entanto, se há algo evidente em todas as linhas e correntes filosóficas contemporâneas é a busca do indivíduo pela felicidade, pela paz, pelo encontro em si mesmo e pelo reencontro naquele que o criou, ou seja, o equilíbrio entre o corpo, a mente e o espírito, entre razão, ciência e fé. Para isso, o homem tende a reconhecer que a plenitude da vida humana é a prática do amor genuíno. “Ama com atenção, e então faze o que deseja fazer.”(AGOSTINHO apud GEISLER, 1984, p. 55).

Vendo a história da humanidade pelo prisma da luta de classes, advinda de uma evolução das espécies, o homem é objeto fortuito do acaso. Não há nele um significado maior. Não há, para a humanidade, uma história linear, princípio este questionado por Santo Agostinho em *Cidade de Deus*: o homem teve um início e terá um fim, este fim é um reino pleno de Deus. Antes, porém, da prática do bem ao próximo, está a prática do amor a Deus. O que Santo Agostinho preconiza é que o homem deve amar Deus em primeiro lugar, porque toda a prática que advir do amor por Deus será boa, pois o homem sozinho não é capaz de produzir o bem, porque não há leis universais sustentadas por todos os homens⁶.

⁶Joseph Fletcher, *Situation Ethics: The New Morality*, Filadelfia: The Westminster Press, 1966.

Os ataques feitos pelo marxismo ao Cristianismo fortaleceram o crescente antagonismo entre a razão e a fé e em nada contribuíram para o fortalecimento da essência humana. Ao contrário, fragilizaram ainda mais as questões espirituais, na medida em que os próprios fundamentos marxistas se consolidaram enquanto religião. Conforme Brown (1999):

“O marxismo de uma certa maneira, não passa de uma heresia do cristianismo. As invés de abolir a religião o marxismo torne-se uma religião secular. Seus ensinamentos são apresentados como substitutos para as doutrinas cristãs.”(BROWN, 1999, p. 218-219)

Na tentativa de exterminar o Cristianismo, o marxismo se fez religião em seu lugar. Na busca por respostas racionais para a concepção total do mundo e da humanidade⁷ o homem vê-se abandonado a um determinismo cego.

Se para Marx o desenvolvimento histórico acontece a partir de uma necessidade interna, bem como a necessidade de mudar a natureza e o comportamento do homem como complemento à necessidade de mudar as estruturas socioeconômicas, e que o materialismo histórico é em si uma crítica ao Cristianismo, os resultados por Marx idealizados não foram alcançados. As revoluções, as doutrinações – ou educação – não alcançaram seus objetivos.

As lutas de classe, a segregação socioeconômica e os desajustes sociais atingiram, no século XXI, índices constrangedores. A educação expandiu-se e chegou aos países pobres, mas as esferas marginalizadas não foram contempladas. A utopia em torno da educação como veículo de transformação social, na verdade tornou-se excludente: as melhores universidades são terreno reservado somente aos ricos. Mesmo com o imperialismo marxista vigente nas universidades, a classe dominante ainda continua impondo suas ideologias. Alerta Brown(1999) que,

A ideologia Alemã procura mostrar que a ideologia dominante representa as ideias da classe dominante quanto à humanidade e são consideradas por todos como verdadeiras e universais. Esta teoria mostra com clareza porque o marxismo impera nas universidades brasileiras, mas não explica como o marxismo chega a dominar as universidades, uma vez que a classe dominante deverá usar a universidade para impor sua ideologia. (BROWN, 1999, p. 210)

Portanto, teorias e correntes filosóficas que foram desenvolvidas para se oporem ao modo dominante, principalmente à mão forte da Igreja também são ferramentas civilizatórias nas mãos dos dominadores modernos.

Não há nada de novo ou revolucionário nas relações sociais. Elas continuam sob forte influência econômica e tendem à ditadura pragmática, objetivando-se sempre ao lucro e minimizando os valores éticos. Segundo Fletcher(1984):

⁷The Challenge of Marxism(Downer's Grove, IVP, 1980), p. 16.

O correto é apenas aquilo que é útil em nossa maneira de comportar-nos. É aquilo que “funciona” ou “satisfaz” em prol do amor. Ele quer colocar o amor a trabalhar a fim de fazê-lo bem sucedido e realizar seu valor em dinheiro. A pragmática somente tem desdém para as soluções abstratas e verbais aos problemas éticos; procura, pelo contrário, respostas concretas e práticas. (FLETCHER apud GEISLER, 1984, p. 54)

Por mais que se tente encontrar na ciência racional a solução para os conflitos sociais, pouco ou quase nada se tem alcançado objetivamente. E quanto mais o conhecimento se expande, tanto mais os problemas inerentes à práxis humana ética tornam-se evidentes. Há um desajuste generalizado entre os profissionais hodiernos. Os testamentos sociais estão caminhando rumo ao caos e tem-se pormenorizado a prática ética.

Uma vez que o marxismo preconizava a existência do homem mediante seu trabalho, o que se vê é um sub-homem produto da ação trabalhista mecânica e da permuta construída entre trabalho e dinheiro versus sucesso e status social.

Toda forma de radicalismo é prejudicial. Assim também, qualquer comportamento extremado. Porém, os jovens universitários são doutrinados dentro de correntes marxistas ou pragmáticas e conduzidos ao antropocentrismo exacerbado, na qual o homem é causa última e exclusiva de si mesmo.

Conceber a verdade do homem sob o prisma pragmático nada mais é que conceber o homem a partir de seu sucesso profissional. Questões éticas e valores morais não se incluem na formação acadêmica, conseqüentemente, furta-se o caráter cristão do profissional-homem.

O que se vê, então, é o crescente número de genuínos teóricos, profissionais extremamente capacitados, perfeitos cientistas, prósperos homens de negócio. Mas a que preço? Que recursos, métodos, técnicas, procedimentos, ações, argumentações, projeções, recursos e comportamentos foram utilizados para se alcançar e/ou se conquistar as metas e os objetivos almejados?

Quando o objetivo maior do indivíduo é a satisfação pessoal e o enriquecimento a qualquer custo, raros são os exemplos éticos. Em uma sociedade capitalista, como se vê atualmente, a ética e a prática cristã não são consideradas. Cabe, por isso mesmo, às universidades, a promoção do ensino da ética em seus cursos, porque somente com o resgate dessa disciplina e conseqüente inserção da mesma como matéria obrigatória, é que o aluno reavaliará sua postura acadêmica e fundamentará sua prática profissional voltada à promoção do bem. A discussão ética deve partir daqueles que geram o conhecimento, das instâncias superiores. Bonhoeffer(2001) entende que,

Ninguém pode conferir a si mesmo autoridade para o discurso ético; ela é dada, atribuída ao ser humano, não por causa de méritos e qualidades subjetivas, em primeira linha, mas por causa da posição objetiva que ocupa no mundo. Assim, a autorização para o discurso ético cabe ao ancião, não ao jovem, ao pai, não ao filho, ao patrão, não ao empregado, ao professor, não ao aluno, ao juiz, não ao réu, à autoridade, não ao súdito, ao pregador, não ao membro da comunidade. É a tendência de cima para baixo, tão abominável aos sentimentos moderno, mas essencialmente inerente ao ético, que aqui se manifesta. Sem esta estrutura objetiva de hierarquia e sem a coragem de assumir posição superior – coisa que o ser humano moderno perdeu completamente -, o discurso ético se esvazia em generalidades e falta de objeto e perde sua essência. (BONHOEFFER, 2001, p.150)

O Estado e as Igrejas, por meio das universidades, precisam expurgar a fé, mas não como via única e instrumento único dogmático. Devem, sim, agregar fé e razão para que o indivíduo ao menos vislumbre a notoriedade do resgate dos valores, da moral e da ética. Devem ensinar que valores não se aprendem por discurso, mas por meio de exemplos. Precisam, ainda, priorizar o amor nas relações humanas, sejam elas pessoais ou profissionais.

7.1 - PROFESSOR – INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO.

Enquanto formadores de opinião, os docentes, sobretudo os de nível superior, têm por obrigação consolidar o ensino ético voltado à formação de profissionais também éticos, já que as estruturas sociais, em sua maioria, advêm dos círculos universitários. Devem, também, estimular a prática cristã, inegavelmente necessária à práxis humana ética, mas sem apontar essa ou aquela corrente dogmática ou ideológica. Devem apenas conduzir o aluno ao conhecimento de Deus enquanto Ser Supremo, Senhor dos senhores e Autor da vida.

É preciso que o homem moderno compreenda, ainda, as forças antagônicas entre o bem e o mal e que se conscientize dos riscos de uma vida estruturada somente na razão. Que cada indivíduo proceda em consonância aos princípios éticos e cristãos, segundo os quais, o amor ao próximo é a prática do amor a si mesmo. Geisler(1984) postula a importância desse princípio, dizendo:

Na realidade, não há nenhum conflito real entre o amor-próprio e o amor ao próximo. A pessoa deve amar a si mesma somente até o ponto que aumenta ao máximo o amor ao próximo. Todo o amor é amor-próprio, mas é o próprio-eu amado por causa de amar o maior número possível de pessoas. O amor é um só, mas há três objetos: Deus, o próximo, e o próprio-eu. O amor-próprio pode ser ou certo ou errado. Se amarmos a nós mesmos por causa de nós mesmos, estamos errados. Se amarmos a nós mesmos por amor a Deus e ao nosso próximo, então estaremos certos. Amar a Deus e ao próximo, pois, é amar a si mesmo da maneira certa[...]; amar a si mesmo da maneira certa é amar a Deus e ao próximo. (GEISLER, 1984, p.57)

Consonante à prática do amor, se há algo a ser feito em virtude de si mesmo e de uma sociedade melhor e mais justa e promotora do bem comum é o discernimento entre amor e justiça, uma vez que a justiça pertence ao mundo dos sistemas, e o amor, por outro lado, pertence ao mundo das pessoas. No entanto, a justiça é transformada pelo amor, e é vencida, finalmente, a tensão entre justiça ideal e o amor.

A justiça é a prática do bem em sua abrangência maior. Ela se contrapõe ao perverso, ao ilegal, ao escandaloso, à transgressão pública da lei moral, preservando a ordem exterior, bem como a formação do caráter, chegando ao sacrifício pessoal pelos mais altos valores humanos.

Quando o homem capaz de amar encontra-se na esfera da justiça suprema, passa a agir na esfera das instituições e transmuda seu amor em justiça, porque a justiça nunca deve ser negligenciada pelo amor, uma vez que o amor vai além da justiça e ele só pode fazer mais e nunca menos daquilo que a justiça exige. Enfim, o amor é a realização da justiça.

Portanto, tanto o Estado quanto as Igrejas, que são instrumentos da comunidade para a proteção de seus membros e conseqüente equalização de suas atividades têm, por obrigação, a promoção da ordem e da justiça.

A fé é uma questão do indivíduo e não do Estado. Mas nada impede que o Estado reconheça que Deus é o Criador Supremo e que é Ele quem conduz a humanidade. Aliás, voltando-se para a história do universo, percebe-se que as nações que se tornaram indiferentes ao Governador moral do homem encontraram sérios embaraços e lutaram com dificuldades insuperáveis pela promoção da paz.

7.2 – PROFESSOR: OUSAR CONSTRUIR UMA NOVA SOCIEDADE.

A base da existência é o amor. Mesmo que isso possa parecer pouco científico, (do ponto de vista positivista o amor deveria ser evitado para não contaminar a produção científica), há um paradigma emergente que ressalta a importância em se considerar a preponderância do amor. O amor está na fundação do homem, bem como em seu horizonte.

A esse respeito o biólogo e pesquisador chileno Maturana(1999) esclarece que,

O amor constitui um espaço de interações recorrentes, no qual se abre um espaço de convivência onde podem dar-se coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem, que funda o humano. É por isto que o amor é a emoção fundamental na história da linhagem hominídea a que pertencemos. (MATURANA, 1999, p. 67)

Assim, reconhecer a necessidade do amor como à essência das relações humanas é reconhecer a inegável existência de Deus, uma vez que Deus é a fonte maior do amor; bem como reconhecer que o próprio homem é prova antropológica de Deus, na medida em que “o projeto-homem potencialmente infinito, inscrito no DNA do espírito, só pode encontrar realização no mundo do espírito, isto é, no mundo de Deus.” (MONDIN, 1997, p. 274). Ou como afirma um dos maiores ícones da igreja Católica, Padre Léo, um contemporâneo de Mondin: “o que para a ciência é um código genético, para nós, os cristãos, o DNA é: Deus, Nosso Autor!” (SCJ, 2005).

O homem somente será pleno quando compreender sua dependência e íntima ligação com Criador, bem como, aceitar que a ética cristã concebe a lei e a ordem por causa do amor. Entender que, em alguns momentos, essa mesma ética até vê a necessidade de um emprego amoroso da força para proteger os inocentes e tornar reais os direitos. Chegando, às vezes, a exigir uma revolução contra o Estado e suas instituições, se estes forem além do âmbito do amor.

Propor novos paradigmas, recriar o inusitado, ir além do incognoscível (como outrora propuseram filósofos clássicos na tentativa de se extinguir a fé), agora, cabe às linhas contemporâneas reconduzir o homem a Deus e transpor o intransponível: preconizando a união entre a razão e a fé para que o homem possa realmente encontrar a plenitude da sua existência.

Para tanto, necessário é ao homem aproximar-se daquele que o criou. Buscar na fé as respostas que a razão e a ciência não foram capazes de construir, porque a vida e o pós-morte não é campo da razão, e sim, da fé. Somente por meio da fé genuína se pode compreender a existência humana desde o princípio até o fim; orientando-se na perspectiva do que Mondin definiu como o encontro da liberdade:

Se Deus não existe, aí é que o homem não pode ser livre. Sem a liberdade divina, a liberdade humana é inconcebível, como o finito é inconcebível sem o infinito, o imperfeito sem o perfeito, o contingente sem o absoluto. A liberdade humana tem na divina a sua origem primeira e o seu último fim, seu ponto Alfa e o seu ponto Ômega. (MONDIN, 1997, p. 393)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após as considerações e os estudos comparativos realizados fica evidente o quão importante é a formação cristã e que, para a humanidade construir uma história separada de Deus é preciso que ela negue sua própria existência. Da mesma forma, é extremamente complicado a qualquer homem, o exercício de uma profissão sem os fundamentos éticos e a prática da ética cristã, principalmente no que diz respeito à educação.

Por isso, tem-se desenvolvido, nas últimas décadas, uma competência muito especial no que concerne aos novos mestres: a transcendência, ou seja, a competência em deixar marcas profundas em seus alunos e serem lembrados, tempos depois, com carinho, respeito e emoção.

Esse caminho é perene e gradativo. Porém, reestruturar a sociedade moderna, de forma a humanizá-la ao ponto da prática do amor respeitoso e justo, fundamentado nos princípios cristãos, requer extrema ousadia, coragem, amor e fé. Com certeza, essa é a maior ousadia e mais digna militância que os professores universitários podem exercer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BLÍBLIA SAGRADA, Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ARANHA, M. L. A. e Maria Helena P. Martins – **Filosofando**, Editora Moderna, 1986.

BONHOEFFER, D. – **Ética. Série: Teologia Sistemática – Ética Teológica. 5ª ed.** São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2001.

BROWN, C. – **Filosofia e Fé Cristã. 2ª ed.** São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 1999.

ENCICLOPÉDIA de Bíblia, Teologia e Filosofia. Volume 2; D-G. São Paulo: Editora Candeia, 1997.

FRIGOTTO, G. – **A formação e a profissionalização do educador: novos desafios.** In: Silva, Tomaz Tadeu; Gentili, Pablo (org). Escola S A: Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. CNTE, Brasília, 1996, p.70 - 89.

GARDNER, E. C. – **Fé Bíblica e Ética Social**. 2ª ed. Tradução de Francisco Penha, Alves. São Paulo: ASTE, JUERP, 1982.

GEISLER, N. L. – **Ética Cristã : alternativa e questões contemporâneas**, São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

LEWIS, C.S. – **Cristianismo puro e simples**. 5ª ed. São Paulo, SP: ABU editora, 1997.

MATURANA, H. – **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 1999.

MONDIN, B. – **Quem é Deus? : Elementos de teologia filosófica**. Batista Mondin; São Paulo: Paulus, 1997.

PALMER, M.D. – **Panorama do Pensamento Cristão**. Rio de Janeiro, RJ. Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2001.

SCJ, L. – **Libertos para servir**. – Vídeo; in Davi, Departamento de Audiovisuais; Cachoeira Paulista, SP. Editora Canção Nova, 2005.

WRIGHT, C. J.H. – **Povo, Terra e Deus**, São Paulo: ABU Editora SIC, 1991.